

Medicina, uma arte em extinção

O que deve ser feito para preservá-la? Ainda há tempo?

Em recente encontro da Endocrinologia aproveitamos a passagem por São Paulo para assistir um show inédito. Na ida até ao teatro, conversando sobre amenidades com um colega, um assunto inevitável acabou surgindo: convênios e remuneração. Houve uma pausa suplicante, tanto minha quanto dele e, a seguir, acabamos admitindo que este era um assunto que não gostaríamos de discutir naquele momento.

Chegando a Curitiba, vejo o meu exemplar do jornal do CRM e o respectivo encarte científico – **látrico** - com o tema: “Até Quando?”, convocando-nos, médicos prestadores de serviços de convênios médicos e cooperados, a uma reflexão sobre as bases da medicina, a necessidade da conversa e do toque. Lembrei-me então de uma teoria interessante que descreve o comportamento daqueles que escolhem cursar medicina. Parece que o fazem não somente pelo altruísmo, pelo “glamour” da profissão ou por outros tantos adjetivos humanistas, mas principalmente porque a maioria tem maior intimidade com a biologia do que habilidade com os números.

Após a tão esperada aprovação no vestibular, somos levados a crer que fazemos parte de uma elite que não está prevista em nenhuma Constituição. Não podemos mais ser iguais aos nossos semelhantes. Desde o início, somos quase médicos, portanto cada vez mais teremos de aprender a desenvolver a conversa, o raciocínio lógico centrípeto (unindo a maior parte dos sintomas e sinais em uma só doença), mas nunca tentar sermos entendidos em fazer contas.

Ora, paremos para pensar diferente. Parece que o diagnóstico é muito claro e não é original. Qualquer consultoria tem como regra que só se investe naquilo que se entende. Médicos que se submetem a administradores de medicinas de grupo estarão sempre em desvantagem. As leis, os muitos advogados, a tendência de se preferir o direito individual ao de um grupo e a tecnologia estão sugando qualquer recurso que possa ser destinado ao prestador de serviço.

“A humanidade, e nós médicos, via instituições, temos que resistir à predatória extinção de uma arte difícil e nobre”, é como o Dr. João Manuel Cardoso Martins nos provoca a uma reflexão em seu texto do jornal **látrico**.

Se não queremos mais falar sobre o assunto, se nossa habilidade é a medicina, vamos nos libertar da quebra de ética diária a que estamos nos submetendo aceitando salários vis. Nós, professores responsáveis pela formação dos novos médicos, devemos ensinar a prática ética da Medicina. Se somos bons no que fazemos, se somos dedicados e queremos resolver o problema do doente, não há porque perdermos tempo fazendo reuniões sobre preços de consultas de convênio. Os “donos” da caneta que fazem a conta já têm a sua estratégia estabelecida para manter tudo inalterado. Temos de lutar para que recebamos do paciente e que este venha a ser ressarcido perante a sua medicina de grupo, caso queira permanecer em uma. Temos que provocar a crítica dos usuários dos planos de saúde sobre a vantagem de organizar-se mensalmente, evitando intervenção de seus planos e negociando diretamente com os prestadores de serviços os seus custos. Muitos de nós têm pacientes que já nos são muito especiais, e que nos levam a considerar sobre não deixar de atender o plano a que ele pertence. Temos então que aceitar que, eventualmente, atender de graça é muito mais parecido com nossa formação ocidental cristã e nos traz mais satisfação e menos problemas.

Podemos também continuar como estamos. Porém não gostaria de admitir que minha filha, aos 4 anos, perguntada sobre o que seria quando crescesse, estivesse antevendo o futuro de nós médicos: “Quero ser cabeleireira de manhã e médica à tarde.”

Gleyne Lopes Biagini
Serviço de Endocrinologia e Diabetes do Hospital Universitário Evangélico de Curitiba
Unidade de Metabolismo Ósseo e Menopausa